

A TRANSHISTORICIDADE E TRANSDISCIPLINARIDADE DO FILOSOFAR*

Gonzalo Armijos Palácios – UFG

Resumo: Pretende-se mostrar que, além de outras razões, o caráter histórico e transdisciplinar da filosofia impossibilita uma definição, pois tal definição, necessariamente, excluiria do efetivo filosofar o trabalho da maioria dos clássicos da filosofia.

Palavras-chave: Definição de filosofia, historicidade filosófica, transdisciplinaridade filosófica.

Abstract: This paper tries to show that, among other reasons, the historical character of philosophical thinking makes it impossible to define philosophy given that such a definition would necessarily exclude this field the work of the majority of classic philosophers.

Keywords: Definition of philosophy, philosophical historicity, philosophical transdisciplinary.

Para fazer jus ao título deste texto e, ao mesmo tempo, para mostrar como os problemas, nas diversas épocas e nas diversas áreas e disciplinas, nos levam a pensar filosoficamente, comecemos com uma série de dificuldades que tentaremos resolver.

A primeira é: como entender que haja tantas concepções e definições opostas do que é filosofia defendidas por grandes filósofos? Ocorre que se, uma delas é a correta, os que defendem outras definições não poderiam ser chamados de filósofos por não fazer o que a definição diz que deveriam fazer. Assim, como é possível que continuemos chamando de filósofos aqueles que defendem visões tão antagônicas, ou mesmo incomparáveis, de filosofia? Por outro lado, se todas essas definições fossem corretas – incluindo as que se contradizem –, poderia a filosofia realmente ser e não ser, ao mesmo tempo, tantas e tão distintas coisas? Como seria possível que a filosofia seja

* Conferência apresentada no I Colóquio de Filosofia da Educação, organizado pelo NEFI (Núcleo de Ensino da Filosofia) da Universidade Federal do Piauí, do 18 a 20 de agosto. Esta conferência foi apresentada no dia 18.

algo definido e específico sem que isso deixe de fora como não filosófico o trabalho de todos os que têm uma concepção ou uma definição diferente de filosofia? Ou como aceitar a outra possibilidade e dizer que todas são admissíveis, sem com isso fazer da filosofia uma espécie de Frankenstein teórico e, assim, terminar afirmando que é tudo e não é nada ao mesmo tempo? Em segundo lugar, como entender que seja possível se filosofar tanto dentro do que se entende por filosofia acadêmica como fora dela? Por exemplo, como é possível que a Ética e a Filosofia das Matemáticas sejam disciplinas filosóficas quando dificilmente há algo em comum entre uma e outra? Como é possível que um literato, como Jorge Luis Borges, por exemplo, escreva textos filosóficos sem fazê-lo nos moldes e seguindo os parâmetros próprios da academia? Por que ainda chamamos filósofos àqueles que discutiram problemas que ninguém mais discute? Que atividade é essa que pode ser levada a cabo sem que quem a realiza precise saber ou se preocupar pela forma como deva ser nomeada, caracterizada ou definida? Todas as anteriores são desafios que nos cabe aqui enfrentar.

As reflexões que seguem têm como objetivo estimular seus leitores a realizar essa atividade que o Ocidente concordou em chamar filosofia. Por isso, não se dirigem simplesmente àqueles que desejam saber sobre filosofia, situando-se externamente a ela, mas aos que querem filosofar e ensinar a filosofar.

I

O ato de filosofar encerra uma série de paradoxos. Pois, por exemplo, ele ocorre, como veremos depois, dentro e fora do que se costuma chamar de filosofia. Em que ele, em geral, consiste? Desde o início até hoje, esse ato de filosofar é consequência de alguém se problematizar. Um problematiza-se que tem a ver com algo que vai além da nossa relação imediata e passageira com as coisas e as pessoas que nos rodeiam. Guarda relação com questões que não podemos resolver de uma forma prática imediata ou de um modo empírico. Os problemas filosóficos têm a ver com questões que não podemos nem antecipar, nem definir, nem rotular, e que surgem nos mais variados contextos e situações – mesmo naqueles contextos e situações que são considerados vedados à razão. Vejamos como a razão é levada para um plano em que, supostamente, não lhe corresponde estar. Por exemplo, se Deus existe, e possui o atributo da onisciência, pode o ser humano ser responsabilizado pelos seus atos? Ou, podemos falar

em liberdade humana caso Deus saiba tudo? Pois se Deus sabe tudo, parece que eu não poderia deixar de fazer aquilo que Ele já sabia que eu ia fazer. Dessa forma, eu não poderia ter feito diferente, pois caso agisse de forma diversa daquela que estava na mente divina, essa ação provaria que Deus se equivocou ou não sabia algo que eu de fato faria. No primeiro caso, Deus não seria perfeito, por equivocar-se; no segundo, Ele não seria onisciente, por desconhecer algo — o que eu iria de fato fazer. Meu problema e minha perplexidade aumentam. E, ao parecer, a única forma que tenho para resolver essas questões é pensando, reflexionando. Neste caso, quanto mais reflexiono maiores são minhas dúvidas e perplexidades. Com efeito, se é impossível que Deus se equivoque, por ser perfeito, ou que Deus desconheça algo, por ser onisciente, minhas ações, ao que parece, de alguma forma estariam determinadas pela onisciência e perfeição divinas. Se esse é o caso surge um novo problema: como poderia afirmar que o ser humano é livre?

Esse é um problema que pode ter uma pessoa – hoje ou de qualquer época – que viva ou tenha vivido numa sociedade em que se conceba Deus como o concebemos no cristianismo. O problema não precisa estar escrito num livro ou ser produzido dentro de uma instituição acadêmica. Questões como essa assaltam as pessoas quando elas menos o esperam. Ocorre quando elas são motivadas por algo que provoca uma incompatibilidade entre o que achamos saber e determinadas conclusões às que chegamos. O mesmo ocorre com o problema do mal. Se o mal existe, como podemos falar de um Deus criador de todas as coisas? Pois, se o mal existe, alguma origem deve ter. Ora, acreditávamos saber que Deus era a origem de todas as coisas, mas hoje, refletindo sobre a existência positiva do mal, vemos que há uma profunda dificuldade que nos obriga a pensar. Essa é a situação à que queria chegar: o instante do surgimento do filosofar. Pois é quando pensamos por nossa própria conta para tentar resolver essa, e outras dificuldades semelhantes, que estaremos realizando o que de fato é uma reflexão filosófica.

Este resultado, então, talvez nos possa surpreender: filosofa quem percebe que não sabe, não quem sabe. Isso mostra a extrema limitação daquele chavão pelo qual se define a filosofia como ‘amor pela sabedoria’. Pois essa fórmula leva as pessoas a imaginar que os filósofos são sábios, e sábio é quem sabe. Pelo que acabamos de ver, entretanto, resulta que não é bem assim. Pois a condição e motivação do filosofar é a ignorância, não a sabedoria. Não é quem sabe — ou pensa que sabe — que filosofa, mas

quem tem consciência de sua ignorância e quer fugir dela por seus próprios meios. Aquele que sabe — ou acha que sabe — não precisa pensar duas vezes sobre seu suposto ou efetivo saber. A filosofia, portanto, é uma luta constante contra nossa ignorância e ocorre quando chegamos a perceber que algo contradiz nossas certezas, nossas convicções, algo que levanta problemas que abalam nossa confiança no que tranquilamente acreditávamos saber.

II

O anterior nos mostra algo próprio da atitude filosófica. Ela, num primeiro momento, parece um recuar, um afastar-se das coisas, do mundo e de nós mesmos. Estabelece, momentaneamente, uma distância entre o pensamento e nossa confiança sobre nosso pretense saber. Parece que primeiro somos levados para trás, e só depois voltamos sobre a coisa mesma. Para trás, para nos distanciarmos um pouco e ter uma visão mais ampla, e para frente, para aproximar-nos do objeto, do problema, e vê-lo mais detida e minuciosamente.

Assim, não é por um assunto determinado, um tema específico ou um objeto privilegiado que somos levados a pensar filosoficamente, mas por nos topar com algum problema, por estarmos numa situação de espanto ou de perplexidade que nos força a tomar uma distância e nos empurra de novo para o interior daquilo que nos preocupa. Por exemplo, sabemos que para construirmos um prédio precisamos de diversos materiais. E ficamos convencidos de que na construção desse, e qualquer prédio, só entram coisas materiais, tangíveis, visíveis. Entretanto, há coisas que fizeram possível o prédio, que participaram de sua construção, e que não se reduzem à mera existência material. São uns entes particularíssimos: os números. Alguém que por um raciocínio semelhante perceba o papel que os números desempenham na construção do mundo que nos rodeia pode fazer esta pergunta: ‘qual é a natureza dos números’, ou, posto em termos filosóficos: ‘qual é a natureza dos entes matemáticos’. Se for buscar a resposta por si mesmo, reflexivamente, estará filosofando.

Há em outras ciências perguntas que são essencialmente filosóficas, não porque pertençam, como temas ou problemas, ao que se conhece academicamente como Filosofia, mas porque surgem quando o cientista, assim como ocorre com o nosso primeiro exemplo sobre Deus, faz esse tipo de pergunta fundamental. Por exemplo, na

física e na astrofísica: qual a origem do universo e da racionalidade do universo? Perguntas como essas estão no limiar e ao mesmo tempo no centro daquelas ciências. O que nos leva a um resultado que pode surpreender. A atitude filosófica não ocorre unicamente dentro — e como patrimônio exclusivo — do que se conhece como filosofia, ou filosofia acadêmica. Por isso, ela — a atitude filosófica — não pode ser encerrada numa área determinada do saber, não pode ser enclausurada nesta ou naquela disciplina, nem mesmo na disciplina Filosofia. Ela é patrimônio de qualquer um, na área ou no contexto que for, que seja levado a pensar nas circunstâncias já descritas: a da consciência de um problema e de saber que a única forma de resolvê-lo é pensando por si.

Por tudo isso, as questões filosóficas surgem nas mais diversas áreas e dentro das mais variadas disciplinas, contextos e situações. Ocorrem, de fato, com qualquer pessoa que questione sobre assuntos cuja solução exige o exercício do próprio pensamento.

III

As considerações anteriores nos levam à relação entre o fazer filosófico e o ensinar a filosofar. Se a atitude filosófica é a de alguém que se descobre perdido numa determinada situação ou se sabe ignorante respeito de algo de fundamental importância, parece ser esta uma consequência: não pode haver ensino da filosofia se ele não for entendido como ensinar a filosofar. Mas o filosofar não é algo que possa ser determinado ou delimitado por um tema, um problema ou um objeto específicos. Dessa forma, o ensinar a filosofar só pode consistir em criar no outro uma situação de autoconsciência de sua ignorância. De levá-lo a perceber pelo menos duas coisas. Em primeiro lugar, que há algo que talvez pensava saber com absoluta certeza e que depois de uma consideração mais detida dá-se conta que, efetivamente, há uma questão fundamental que ignora. Em segundo lugar, levá-lo a sentir a necessidade de tentar resolver esse problema por ele mesmo. Assim, ensinar a filosofar talvez não passe de saber como provocar incertezas, de produzir dúvidas nos estudantes que só podem ser resolvidas por eles, quando elas, incertezas e dúvidas, são assimiladas, interiorizadas e apropriadas por eles.

A luta, no âmbito do ensinar a filosofar, se opõe àquela tendência imediatista de buscar as respostas em textos consagrados. É a luta contra a idéia de que se for uma questão profunda ou fundamental, alguém já deve tê-la resolvido para mim ou deve estar registrada em algum lugar. Mas são precisamente as questões fundamentais que não são passíveis de soluções autoritárias e definitivas. Assim, o incentivo à própria reflexão faz parte essencial do ensinar a filosofar. Porque filosofar é procurar, é buscar por meio do nosso próprio pensamento. Mesmo que depois devamos, como devemos, conferir, avaliar nossas soluções frente àquelas que por ventura já foram dadas e que estão nos textos clássicos. Um texto é como uma fonte cuja água pode saciar nossa sede. Ou talvez não, pois o texto registra o que outro pensou movido pelas suas circunstâncias. Nesse texto não está – não ao menos exatamente – o que eu penso, nem pode ter sido escrito em circunstâncias exatamente iguais às minhas. De modo que soluções a problemas semelhantes, mas não idênticos aos meus, muito provavelmente não vão me satisfazer plenamente. Esse é o instante em que a filosofia aparece. Pois a filosofia só existe porque alguém não se satisfaz com as soluções já existentes nem com aquilo que os clássicos, por mais respeito que nos mereçam, nos legaram. A filosofia está sempre viva como consequência de alguém ter sido incentivado a pensar por si e de ter tido a necessidade de beber de outra fonte: a que brota de suas próprias reflexões.

IV

Podemos perceber, pelo dito, que o filosofar é um ato que se inicia em dois momentos indissolúveis e que consistem numa dupla procura, uma procura *em si* e uma procura *por si*. Pois aquele momento de surpresa, de pasmo, o instante da descoberta da nossa incerteza, da nossa ignorância, é ao mesmo tempo um momento em que procuramos *em nós*. É uma busca que fazemos em nós mesmos, dos eventuais conhecimentos ou certezas que guardamos. Percorremos nosso interior tentando achar algum vestígio de conhecimento, de segurança, de certeza. O que pode provocar uma inquietação maior ao percebermos que a resposta não está em nós, ou já não está mais, como imaginávamos antes. Mas esse resultado negativo provoca um momento positivo: o de nos levar a procurar *por nós mesmos*. Nossa razão, nosso pensamento iniciam a busca de uma, agora, ansiada tranquilidade, da tão desejada certeza, da solução que precisamos. É o momento da procura *por nós*.

Essa busca, por outro lado, não é uma procura solitária, isolada. É — e deve ser — um diálogo, uma discussão crítica com o que de melhor a filosofia nos oferece: os textos clássicos. Pois ontem e hoje, aqueles que chegaram pela profundidade de seu pensamento a ser considerados clássicos, oferecem para nós a oportunidade de um diálogo que atravessa o tempo. Seus textos, sejam do presente, sejam do passado, registram o que suas mentes nos legaram, não como herança inquestionável, mas como provocação para o diálogo e a reflexão. Como indicação, também, de determinadas possibilidades de reflexão, como direções que poderíamos seguir e sugestões sobre os resultados aos que poderíamos chegar. Pois é o desejo de saber, de entender, de conhecer que nos move. E não unicamente por sermos movidos por fins práticos, mas pelo prazer que nos produz a descoberta — o aprender do mundo e de nós mesmos, sobre tudo que se nos apresenta como um interrogante, como um paradoxo, como um desafio ao entendimento. Assim, não só na academia, não só dentro da filosofia filosofa-se. Filósofa-se pelo natural desejo de saber. Pois, como diz Aristóteles na *Metafísica*, “Todos os homens, por natureza, tendem ao saber” (980^a). É por tudo isso que o filosofar não é privilégio daquele que está dentro do que se considera filosofia acadêmica. A filosofia também está em outras disciplinas, científicas ou não, e em qualquer lugar em que um ser humano descubra um interrogante, um problema, uma dificuldade, e perceba que é só pelo pensamento, pelo próprio pensamento, que pode ter esperanças de resolver.

É precisamente essa disposição natural para o saber que nos leva a filosofar, e como temos dito antes, o filosofar ocorre em todos os âmbitos em que a mente se aventura, não simplesmente no que se conhece como filosofia, ou como filosofia acadêmica. Nessa infindável aventura do pensamento, o ser humano é e foi forçado a criar conceitos que pudessem ajudar a explicar o que parecia inexplicável e a compreender o que se mostrava incompreensível. A necessidade de se explicar as coisas levou não só à criação de conceitos, mas à criação de novas áreas da pesquisa humana — áreas que depois se constituíram em disciplinas independentes e mesmo em ciências autônomas. No entanto, apesar de toda essa diversidade de áreas, disciplinas e ciências, a filosofia ocorre no momento em que alguém precisa achar uma solução a um problema e vê, ou descobre, que nada do que foi dito ou feito pelo espírito e pela mão dos homens pode auxiliá-lo. Esse é o momento da criação filosófica, é isso que nos leva a dialogar com o passado e com o presente, a buscar por reflexões semelhantes sobre

situações e problemas análogos, reflexões que podem ser muito antigas ou muito novas, mas que servem como interlocuções sobre os nossos próprios problemas. Ou não. Pois é possível que em alguns casos, em algumas circunstâncias, estejamos trilhando sendas que não foram percorridas. Pois novos tempos nos põem novos desafios — desafios que nunca poderiam ter sido postos para pessoas de cinquenta, cem, mil ou mais de mil anos atrás. E isso também é possível: que o novo adentre na filosofia. Pois se falamos em criação de conceitos, e até de áreas e disciplinas, não poderíamos deixar de reconhecer a irrupção do novo. Mas seja de uma ou de outra forma, temos duas ferramentas para enfrentar os desafios, novos ou antigos: o próprio pensar, e o diálogo.

Platão já nos mostrou que essa interlocução é uma condição necessária do fazer filosófico. Pois pelo diálogo, pelo ir e vir de razões, percebemos que há becos sem saída – obstáculos que poderemos contornar ou superar por meio do próprio diálogo. Em alguns casos, o resultado do dialogar pode ser uma aporia, um novo obstáculo. No entanto, mesmo um resultado negativo guarda um aspecto positivo. Com efeito, ao nos indicar por onde não podemos ir, a aporia nos incita a percorrer outros caminhos e, dessa forma, o negativo acaba sendo um estímulo.

Os escritos do discípulo de Sócrates, assim, possuem ao menos estas duas virtudes: mostram-nos a necessidade do diálogo tanto com os contemporâneos como com o passado. Nas obras platônicas, com efeito, não vemos exclusivamente conversas entre pessoas que estão presentes. Em alguns diálogos fundamentais, como o *Sofista*, discutem-se teorias de outros filósofos. Nesse diálogo específico, analisam-se todas as teorias do ser anteriores, refutando-as – incluída a teoria do seu mestre Parmênides. Críticas que levam Platão à reformulação total de sua própria concepção. Esse foi, de fato, um dos legados de Platão. Pois filósofos de todas as épocas aprenderam isso e o puseram em prática. Diálogos com o passado, para citar alguns casos, teve Heidegger com os pré-socráticos, principalmente com Heráclito, teve Santo Agostinho com Platão, Santo Tomás com Aristóteles, Descartes com Santo Anselmo e, notadamente, Hegel com praticamente todos os grandes filósofos ocidentais.

Em conclusão, como entender que haja tantas concepções e definições opostas do que é filosofia que foram, e ainda são, defendidas por grandes filósofos? Por que é lícito que se apresentem definições e concepções conflitantes de filosofia e, mesmo assim, isso não anule nenhuma delas enquanto prática filosófica? Por que dois filósofos podem ter concepções opostas do que é filosofia e, mesmo assim, o trabalho dos dois

continua sendo filosófico? Por que é possível filosofar fora do que se conhece como filosofia acadêmica? Por que é possível filosofar nas matemáticas, na física, na literatura? Por que não há um objeto, um problema, um tema ou um método filosófico privilegiado? As respostas a estas questões estão contidas no que temos dito e podem ser resumidas assim: porque na base do ato de filosofar está um problema, e há infinitas formas de nos problematizar. Porque há infinitos assuntos que podem ser objeto da nossa preocupação filosófica ou que nos podem despertar para o ato de filosofar. Assim, dependendo do assunto, da área, da circunstância, nosso problema pode jamais ter sido objeto de preocupação filosófica para outra pessoa, e o método, o caminho para sua solução, também poderá ser novo, pois será determinado pela própria natureza do objeto – o que prova a futilidade da proposta de uma metodologia filosófica única, privilegiada. Assim, se há infinitos objetos que nos podem motivar à reflexão filosófica, infinitas serão as maneiras, os caminhos ou os métodos para a solução desses problemas. Não podemos apontar uma área, um tema, um objeto ou um conjunto de problemas como essencialmente filosóficos, porque, como temos visto, são infinitos, e irão aparecendo novos com o passo do tempo. Em síntese, não é o conteúdo dos problemas que os tornam filosóficos, mas a circunstância em que o problematizar se insere e que consiste em algo simples: é a percepção de uma questão, um problema, cuja solução não existe ou não pode ser conseguida pelos resultados do que a mente e a indústria humana já conquistou. Por isso podemos, e devemos, aceitar que diferentes mentes, diferentes filósofos, definam o que é filosófico, pois o farão a partir do seu tipo específico de problematização. Naturalmente, o fato de seus problemas serem esses e não outros deixa em aberto infinitas possibilidades de outras pessoas virem a se problematizar. Nisso radica a essência plural da reflexão filosófica, o que influencia completamente a questão do seu ensino. Pois ensinar a filosofar talvez não consista em outra coisa que em provocar no estudante dúvidas que o motivem a se problematizar e tentar, por si mesmo, e no diálogo com os outros e com a tradição, sair da situação de ignorância em que se descobriu.

Para terminar, repassemos as questões postas. A primeira foi: como entender que haja tantas concepções e definições opostas do que é filosofia defendidas por grandes filósofos? Porque a filosofia não pode ser definida por esta ou aquela problematização concreta de um filósofo. As situações problemáticas são infinitas. O que faz delas serem filosóficas, provocar, isto é, o ato do filosofar, é a impossibilidade de a pessoa encontrar

respostas satisfatórias no que já se conhece, em soluções anteriores, ou em resultados ou desenvolvimentos das demais áreas das ciências, das artes, das letras, da tecnologia, em tudo o que se aceita como saber humano. Se filosofa por não se aceitar respostas anteriores ou por elas não existirem – pelo menos, não de modo satisfatório.

O fato de o ato de filosofar estar situado num espaço aberto, ilimitado, permite – e só poderia permitir e provocar – resultados, soluções e reflexões díspares, tanto antagônicas como incomensuráveis. E isso nos permite chamar de filósofos aqueles que defendem visões tão dissímeis, antagônicas, ou mesmo incomparáveis de filosofia. O pensar filosófico não pode existir como um tipo de reflexão definível, delimitável precisamente por sua natureza aberta a problemas os mais variados e estimulado por situações as mais diversas. É o estar perdido num deserto sem bússola que provoca o pensar filosófico, não este ou aquele objeto, tema ou assunto privilegiado.

Isso explica por que se filosofa tanto dentro como fora do ambiente tido como próprio para isso, o da academia filosófica. Por isso, justamente, é possível que a Ética e a Filosofia das Matemáticas sejam disciplinas filosóficas quando dificilmente há algo em comum entre uma e outra. E isso explica por que um literato, como Jorge Luis Borges, por exemplo, escreva textos filosóficos fora dos moldes e parâmetros da academia filosófica. Por isso chamamos “filósofos” aqueles que tiveram problemas e propuseram teorias que ninguém mais discute ou sobre as que ninguém mais se interessa. Porque não é o problema em si, a solução em si, que os tornou filósofos, mas pelo fato de terem encontrado um problema que só poderia ter sido resolvido, naquela época, com o exclusivo uso do pensamento racional, reflexivo, argumentativo. Porque nada no conhecimento da época podia auxiliá-los a encontrar respostas.

E essa é a razão, também, pela qual não é preciso que a pessoa, para filosofar, tenha uma definição ou ideia clara do que é filosofia, e nem mesmo tenha ouvido falar da palavra. O que a motivou é essa situação de toma de consciência de um problema que intuiu como tendo uma única solução: a racional, por um lado, a ser procurada pelo próprio pensamento. E é aqui que radica a impossibilidade de se ensinar filosofia e a possibilidade de se ensinar a filosofar: pôr os futuros filósofos numa situação na qual eles tomem consciência de problemas que só podem ser resolvidos reflexivamente e por eles mesmos. Estimulando-se a consciência da impossibilidade de uniformidade, unanimidade ou concordância entre as múltiplas respostas. O momento filosófico é o do olhar aberto às infindas possibilidades. A academia filosófica, portanto, não deve fechar

as portas mostrando simplesmente o que se fez, mas estimulando a que as portas sejam abertas para novas possibilidades e novas reflexões, isto é, para futuras filosofias. Para as futuras filosofias dos futuros filósofos e filósofas.